

RELATÓRIO SOBRE OS ÍNDIOS KAWAHÍB

SEGUNDA EXPEDIÇÃO (DEZ 85/JAN 86)

CEDI - P. I. B.
DATA 31 12 86
COD. UKD 09

Conforme as proposições contidas no relatório do Grupo de Trabalho da Fundação Nacional do Índio - FUNAI, designado pela Portaria nº 1938/E de 25,09.85 para desenvolver estudos com o intuito de sedimentar o contato com o Grupo Indígena Kawahíb, localizado entre os rios Branco e Madeirinha, Município de Aripuanã, Mato Grosso, e procederem a identificação e delimitação do referido grupo, de conformidade com o Art. 2º do Decreto nº 88.118/83, o Indigenista da Operação Anchieta, João Carlos Lobato, signatário deste relatório, foi indicado para retornar à área indígena coordenando uma nova equipe para dar continuidade aos trabalhos, pois segundo o parecer do Coordenador do GT, Sertanista Sydney Possuelo, os dados até então coligidos eram insuficientes para uma definição da área indígena. Para esta nova etapa a 8ª Dr daria o apoio e infraestrutura necessários.

De acordo com esta orientação, desloquei-me de Cuiabá para Porto Velho onde, a partir de 18.11.85, fiquei à disposição da referida Delegacia. Após o encaminhamento das discussões sobre a infraestrutura necessária para o desenvolvimento dos trabalhos, foi-me sugerido que me deslocasse para Ji-Paraná onde deveria aguardar o envio das provisões solicitadas e a autorização do frete da aeronave para deslocarmos para a área indígena.

Em contato anterior com a 8ª DR, eu havia solicitado a liberação de três índios Tenharim ou Parintintin para participarem da equipe como intérpretes. Não obstante, foi-me alegado a impossibilidade de contatá-los e sugerido que eu conseguisse alguns índios na Casa do Índio, em Ji-Paraná, não levando em conta o fator linguístico, de suma importância para o melhor aproveitamento das informações de Rita e consecução dos objetivos.

Em Ji-Paraná, entrei em contato com Catarino, líder do povo Gavião (Digut), solicitando-lhe que entrasse em contato com três dos cinco índios que haviam composto a equipe anterior (Zé Carlos e Zelito - Gavião, e Mário Jorge - Arara) e lhes transmitisse meu pedido para que novamente apoiassem os trabalhos em área. Os três aceitaram participar da equipe e deslocaram-se da Área Indígena Igarapé Lourdes para Ji-Paraná, onde alojaram-se na Casa do Índio. Ante a morosidade por parte da Delegacia em liberar a infraestrutura solicitada e devido a Casa do Índio não possuir meios

para manter por longo período os que por ali passam, os índios passaram algumas dificuldades às quais procurei sanar com recursos próprios, pois não houve liberação de verbas para este fim, não tendo sido ressarcido até o momento de tais gastos.

Preocupado com a situação de saúde em área e revendo a história dos povos indígenas no Brasil, onde contato têm significado contágio, achei por bem solicitar à médica Marize Oliveira Fonseca, lotada em Ji-Paraná, que já havia integrado o GT anterior, a participar também desta equipe. Sua participação demonstrou-se de grande importância, pois além da assistência no que se refere à área de saúde, deu todo apoio nos trabalhos de campo, participando ativamente nas discussões e avaliações críticas necessárias à consecução dos mesmos.

O sexto componente da equipe e, quiçá o mais importante, foi a índia Rita, pertencente ao Grupo Indígena Kawahíb. Antes de sua inclusão na referida equipe, ocorreram alguns fatos que nos ajudaram a convencê-la a participar da mesma. No início de 1985, Rita foi trazida para Ji-Paraná pelo gerente da Fazenda Mudança, José de Oliveira, para morar em sua casa junto à sua família. No final de novembro do mesmo ano, Rita, aproveitando um momento em que ninguém se encontrava em casa, fugiu. Após dois dias de intensa procura ela foi encontrada próximo à casa de uma família de posseiros onde, após passar a noite na mata, apareceu para pedir comida. Trazida para a casa do gerente, a esposa deste não mais a aceitou, não querendo arcar com a responsabilidade de uma nova fuga. Diante disso, Rita foi levada para a Casa do Índio onde, conforme solicitação do Delegado da 8ª DR, ficou sob minha responsabilidade, já que se tornaria integrante da equipe que em breve se deslocaria para a área indígena.

Formado o Grupo de Trabalho, ficamos aguardando a liberação por parte da Delegacia Regional da infraestrutura indispensável para a permanência em área. Quanto a isto, devo reiterar que a morosidade na liberação dos recursos e os trâmites burocráticos para obtê-los prejudicaram sobremaneira o desenvolvimento dos trabalhos, tanto na formação da referida equipe quanto nas atividades em área.

No dia 12 de dezembro, as provisões solicitadas, juntamente com o rádiotransmissor portátil cedido pela 8ª DR, foram deixados por servidores da mesma na Casa do Índio. Finalmente, no dia 14, após vários adiamentos, o Sr. João Piloto e seu filho Márcio nos levaram para a sede da fa

zenda Central, dando-se o deslocamento em dois vôos simultâneos; um, transportando os suprimentos e outro, a equipe. Os detalhes sobre a infraestrutura das sedes mencionadas encontram-se explicitadas no relatório do GT de outubro e em croquis em anexo.

Vários fatores influenciaram negativamente o desenvolvimento dos trabalhos propostos. Além dos impedimentos naturais, o estado de saúde de Rita retardou as expedições pela mata. Rita, quando na Casa do Índio, contraiu uma forte gripe, sendo que já encontrava-se restabelecida quando da entrada em área, porém, em contato direto com as constantes chuvas, teve uma grave recaída e a gripe transformou-se em pneumonia. Preocupado com seu estado de saúde, cheguei a entrar em contato por rádio com Porto Velho pedindo para que ficassem de prontidão caso eu precisasse de uma aeronave para retirá-la, o que não foi necessário graças à atuação de Marize, Médica da equipe, que conseguiu sanar a doença ministrando-lhe uma série de medicamentos. A prostração inicial de Rita impediu-nos de iniciarmos o quanto antes as excursões pela mata à procura de seus parentes.

A inclusão de Rita na equipe foi de suma importância, pois mesmo após vários anos longe de seu povo, continuava bem vivo em sua memória o conhecimento da região. Na primeira expedição em que participou, após algumas indecisões naturais tanto pela incompreensão de nosso objetivo como pela dificuldade inicial em se localizar, ela nos levou à antiga maloca de onde havia evadido uns três anos antes. As malocas e tapiris encontrados estão plotados em mapa anexo.

A época, estação das águas, em que foram realizados tanto o primeiro quanto o segundo GTs não é suficientemente propícia à entrada em mata, pois as chuvas constantes prejudicam em muito a eficácia dos trabalhos e reduzem inclusive a locomoção diária dos índios em questão para as atividades de caçadas e coleta. Não obstante este grave empecilho que nos dificultou bastante, conseguimos realizar várias expedições pela mata, coletando subsídios valiosos para o encaminhamento da definição jurídica da área. Infelizmente, o grande número de fotos tiradas das malocas e tapiris encontrados foram danificados pela umidade e, na falta deste material, reproduzirei parte do meu diário que narra as expedições efetuadas.

No dia 13.01.86, conforme havíamos combinado anteriormente, o Sr. João Piloto foi nos buscar na sede Central, levando-nos até Ji-Paraná onde dei por encerrado o trabalho e o compromisso da equipe para c/ o mesmo.

TRANSCRIÇÃO DO DIÁRIO DE CAMPO

16.12.85 - 2ª feira

No final da manhã, aproveitando um período de estiagem, eu pedi ao Zelito, Mário Jorge e Zé Carlos que dessem uma volta pelos arredores da sede para ver se localizavam vestígios recentes da presença de índios nas proximidades.

No meio da tarde eles retornaram sob forte temporal, informando nada terem localizado.

18.12.85 - 4ª feira

Hoje, aproveitando o amanhecer ensolarado, logo que acordamos, decidi que iríamos dar uma volta pelo mato a procura de vestígios recentes da presença de índios nas imediações. Formei o grupo com Zé Carlos, Mari-ze, Rita e eu. Deixamos o Zelito e Mário Jorge cuidando dos nossos pertences na sede. Saímos mais ou menos às 8:30.

Era meu propósito que Rita servisse de guia, indicando ao menos em parte, o rumo que nos levaria às malocas de seus parentes; no entanto, Rita não conseguiu decidir-se sobre qual caminho seguir. Optei então, pelo caminho percorrido anteriormente por parte da equipe da primeira etapa dos trabalhos, em outubro. Tomei essa resolução esperando que Rita, ao ver os tapiris já localizados na 1ª expedição, pudesse rememorar a localização das malocas, e também desejando conhecer e fotografar estes tapiris. Esta picada inicia-se no final da pista, lado sul (ver croqui nº 2). Depois de atravessarmos mais ou menos uns 1.500 metros de capim colônia, adentramos na mata, e pouco depois chegamos à margem esquerda do igarapé Repartimento, afluente do igarapé dos Índios.

Assim que Rita viu o igarapé Repartimento, denominado em sua língua de "urukutumbuxua", sua reação imediata foi de felicidade e começou a rir, e ao perceber que a olhávamos, levou a mão à boca para conter o riso. Esta reação pareceu-me bastante importante, pois demonstrava alegria em rever seu antigo habitat.

Mais adiante, Rita afirmou com muita ênfase que o caminho pelo qual andávamos era o mesmo que seus parentes utilizavam para deslocarem-se da maloca até a sede "Central". Depois de uns três kms de caminhada encontramos o primeiro tapiri, já caído, com um jirau em idêntico estado. Após

uns metros haviam duas árvores derrubadas à machado, sendo que uma era castanheira. Rita afirmou terem sido derrubadas por sua mãe e por "Cunpadre".

Depois de mais um trecho de caminhada, Zé Carlos ouviu um esturro de mutum e adiantou-se para caçá-lo, mas acabou encontrando e matando um caititu grande o qual, depois de devidamente tratado e "embrulhado", deixamo-lo guardado sob folhas e paus para pegá-lo na volta.

Toda a caminhada foi pela margem direita do igarapé Repartimento. Depois de uns 5 kms percorridos, foi encontrado o 2º tapiri, este em bom estado, a alguns metros de onde a equipe do GT de outubro havia acampado. Após descansarmos um pouco sob o tapiri, iniciamos a caminhada até nos depararmos com uma bifurcação. A 1ª equipe havia seguido em frente à direita, entretanto Rita foi categórica ao afirmar que o caminho à esquerda era o que nos levaria às malocas, repetindo esta afirmação umas três vezes. Resolvi seguir sua informação mas, após uns cem metros a trilha, que vai até o igarapé (onde, segundo Marize e Zé Carlos, que já haviam estado ali anteriormente, haveria uma barragem feita de árvores e ramos para bater timbó) interrompeu-se sem maiores vestígios e em vão eu e Zé Carlos tentamos encontrar seu prosseguimento.

Como o tempo estava fechando e não estávamos preparados para pernoitar na mata, decidimos retornar. Na volta, além do caititu, trouxemos um tatu-galinha e um nambu. A caminhada foi bastante pesada e úmida, devido as contínuas chuvas e travessia de alagados, e todos nos ressentimos, mas Rita, gripada e já desacostumada às longas caminhadas, foi a mais afetada.

19.12.85 - 5ª feira

O desgaste físico da caminhada e mais a umidade predispueram ao agravamento do quadro clínico de Rita que há pouco se restabelecera de uma gripe. Por volta das 12:00 horas, Rita apresentou pico febril de 40,5º Centígrados, acompanhado de dispnéia intensa. Estes e mais outros dados sintomatológicos e físicos, sugestivos de um processo de infecção pulmonar (pneumonia), fizeram com que Marize entrasse com medicação parenteral.

As 16 horas, preocupado com o estado de Rita, entrei em contato com Porto Velho solicitando que se ficasse de prontidão caso houvesse necessidade de uma aeronave para retirar Rita de área.

À noite a febre em Rita começou a ceder devido ao efeito do an

tibiótico ministrado por Marize.

À tarde, ciente da impossibilidade de contar com a participação de Rita nas incursões pela mata, pedira aos rapazes para empreenderem uma caminhada até a confluência do igarapé Repartimento com o Igarapé dos Índios (Kurumĩ ari'kwaba).

20.12.85 - 6ª feira

Devido à forte chuva que perdurou por quase toda a manhã, os rapazes retardaram a saída para a expedição. Lá pelas 11 horas, quando o tempo começou a se firmar, chamei os rapazes e, após esclarecê-los sobre os motivos da caminhada, entreguei ao Zé Carlos uma faca e uma panela pequena para que, caso encontrassem algum tapiri recente, deixasse-os de presente para os índios como indicador de nossa presença na região. No início da tarde eles partiram.

22.12.85 - Domingo

... No início da tarde houve uma pequena estiagem, e lá pelas 15 horas os rapazes chegaram trazendo um macaco Prego e seu filhote, que capturaram após terem matado a mãe, um nambu pequeno e um quarto de veado moqueado.

De acordo com eles, desceram uns 12 kms pela margem direita do igarapé Repartimento e, nessa caminhada, além dos tapiris e sinais encontrados na 1ª expedição, em outubro, encontraram também mais um acampamento com três tapiris, dois caídos e um em bom estado. Próximo a estes encontraram uma picada antiga, onde deixaram a panela e a faca que eu havia lhes dado para este fim.

No dia 20, haviam pernoitado no 2º acampamento da 1ª expedição. No segundo dia dormiram a uns sete quilômetros adiante, próximo aos três tapiris encontrados. Iniciaram o retorno no clarear do dia de hoje e chegaram à sede no fim da tarde. Segundo eles não deu para alcançar o objetivo traçado, devido às fortes e contínuas chuvas.

26.12.85 - quinta-feira

O tempo amanheceu nublado, mas isso não nos arrefeceu o ânimo. Rita rapidamente arrumou-se, e decidi que Mário Jorge, por estar com o pé inchado, e Zelito ficariam na sede para cuidarem das coisas. A expedição rumo as malocas seria feita por Rita, Marize, Zé Carlos e eu.

Disse à Rita que nos guiasse rumo à maloca, mas logo no início ela errou. Disse então ao Zé Carlos para pegar a picada do outro lado da pista. Saímos então pelo mesmo caminho que havíamos percorrido em outubro sob orientação de Sydney Possuelo que, auxiliado por uma bússola, seguia indicação fornecida por Rita em Ji-Paraná. Depois de caminhar uns 500 metros nesta picada, encontramos uma bifurcação e Rita informou-nos ser à esquerda a trilha correta; Seguimos por esta picada por mais uns 300 metros, quando Rita indicou-nos que deveríamos novamente entrar à esquerda, numa trilha antiga, quase impossível de distinguir. O Zé Carlos continuava bastante cético em relação às informações de Rita. Este caminhava na frente abrindo picada enquanto que Rita o seguia de perto, muito animada, sempre indicando o caminho a seguir. Rita não seguia picada alguma, guiando-se pelo rumo do sol. Neste primeiro dia a caminhada foi quase toda rumo Nordeste/Norte

No meio da tarde uma forte pancada de chuva nos apanhou pelo caminho, mas continuamos a andar, e tentamos caçar uma pequena anta. Como Rita na noite anterior, nos falara que partindo bem cedo chegaríamos à noitinha na maloca, intentávamos presentear os índios com bastante carne. Não tivemos sorte porém, pois tanto o Zé Carlos quanto eu, erramos o alvo, assim como Rita errou em sua informação. Lá pelas 17 horas, vendo que não alcançaríamos a maloca, acampamos próximo a um igarapé com uma pequena cascata na margem direita. Depois de armado o acampamento, Zé Carlos saiu por uma picada e caçou um jacu. Disse ter sido aquela picada feita por ele, quando da 1ª expedição.

À noite um forte temporal derrubou algumas árvores próximo ao acampamento.

#### 27.12.85 - sexta-feira

Acordamos ao clarear o dia, a chuva havia cessado mas permanecia uma neblina fria e úmida.

Rita e Zé Carlos, como na noite anterior, logo ao acordarem demonstraram desejo de retornarem ao Central. Rita já perdera a animação inicial devido as contínuas pancadas de chuvas e Zé Carlos, durante todo o tempo resistindo às informações de Rita, acreditava que ela estivesse mentindo e que não sabia onde se localizava a maloca.

Conversei algum tempo com eles e consegui que, após pequena refeição, levantássemos acampamento para dar continuidade à caminhada. Atravessamos para a margem esquerda do igarapé e seguimos rumo noroeste. Depois de andarmos mais ou menos 1 km, encontramos-nos caminhando pela margem esquerda de um igarapé grande com uma pequena corredeira.

No início da tarde, após atravessarmos para a margem direita do igarapé, retomamos uma picada aberta por nós na 1ª expedição, em outubro. Receoso que este caminho estivesse errado, perguntava continuamente à Rita sobre sua certeza do caminho. Ela ora respondia que estava errado ora afirmava estar correto. Isto ocorreu variadas vezes até que Zé Carlos afirmou que o acampamento no qual dormíamos antes de regressarmos à Central, em outubro, estava logo adiante. Decidi parar e só sair dali após Rita indicar com certeza o caminho correto a seguir.

Após ficarmos parados por mais de uma hora em conversa, consegui que Rita, com meias palavras, dissesse ser necessário retornarmos ao ponto onde atravessamos um grande igarapé (Puraketingun'xunña).

Retornamos, mas Rita e Zé Carlos pareciam não ter compreendido meu objetivo pois, após a travessia do igarapé, continuaram pela picada. Eu vinha mais atrás com Marize e lhes gritei para que parassem para que eu conversasse com Rita. Eles retornaram e nos assentamos em alguns troncos à margem esquerda do igarapé e, parados ali, insisti com Rita sobre a necessidade de retomarmos o objetivo, enquanto esta insistia em voltar à Central. Disse-lhe que dali só sairíamos para a maloca e ela, emburrada, retrucou que eu estava doido, pois já ia escurecer e chover. Sabia disso, mas sabia também que se não definíssemos um rumo ainda hoje, só nos restaria retornar ao Central.

Mesmo relutante, ela indicou a Zé Carlos o rumo a seguir, e prosseguimos ladeando o "Puraketingun'xunña" em sua margem esquerda por algumas centenas de metros, e depois afastamo-nos da margem a uns 45° à esquerda, onde atravessamos um outro igarapé, afluente do que venho mencionando. Uns 50 metros após atravessarmos para a margem esquerda deste igarapé, ouvimos o rufar da chuva contra as árvores e precipitamo-nos a montar acampamento sob forte aguaceiro. Pouco depois, já escuro, a chuva cessou e o Zé Carlos, ouvindo o pio de um nambu, resolveu caçá-lo, e retornou trazendo um tatu 15 quilos.



28.12.85 - Sábado

Acordamos bem cedo, e nosso acampamento está um aguaceiro só. Depois de comermos arroz com tatu e bebermos café, nos preparamos para a partida deixando parte do tatu no moquém, para quando voltarmos.

Saímos beirando a margem esquerda do "Puraketingun'xunña", e logo depois, devido a um tabocal fechado e sujo, fomos nos distanciando da margem para o interior da mata. Após algumas centenas de metros, tendo nos deparado com um tabocal alagadiço e fechado, e sem sabermos o rumo em que seguia o "Puraketingun'xunña", Rita parou e nos informou que o caminho estava errado. Com receio de que reiniciássemos a ladainha de ontem, disse à Rita para que seguisse na frente e achasse o caminho da maloca. Ela então retornou e, chegando à margem do rio, disse que tínhamos que atravessá-lo.

Depois da travessia fomos nos adentrando na mata, distanciando-nos um pouco da margem. Caminhamos longo tempo, atravessamos para o lado direito o picadão da mineradora que seguia rumo noroeste. Após um bom tempo de caminhada, tornamos a atravessar o igarapé mencionado para sua margem esquerda e o seguimos, margeando até as proximidades de sua confluência com o "Karin'té tu'xu". Deste ponto prosseguimos rumo sudoeste até chegarmos, após um grande alagado, na confluência de dois igarapés com o "Karin'té tu'xu", que atravessamos um pouco adiante.

Após andarmos alguns quilômetros depois da travessia, e chegarmos à uma elevação onde percebia-se uma antiga picada dos índios, Rita avisou que a maloca estava próxima. Ficamos atentos daí em diante; descarreguei a minha espingarda "22" e entreguei-a a Marize e, como eu carregava os cartuchos da "16" do Zé Carlos, constatei que ele não levava nenhum na espingarda. Apenas eu permaneci armado e com condições de usá-lo, caso houvesse necessidade de assustar os índios, permitindo-nos, assim, uma retirada estratégica.

Pelo caminho víamos montes de ouriços de castanha cortados e quando chegamos num tapiri caído, Rita disse-nos para deixarmos as coisas ali que a maloca estava logo adiante. Antes de chegarmos a este tapiri, Zé Carlos já levantava dúvida sobre a presença de índios na maloca, dizendo que o varadouro estava muito sujo, o que significava que ali já não passava ninguém.

Realmente ele estava certo. Rita seguiu na frente e logo gritou que a maloca havia caído. Deparamo-nos com uma pequena maloca, caída há uns 2 anos e pouco, cercada por uma capoeira suja. A maloca era retangular (planta baixa), devendo abrigar umas 10 redes. Devia ter uns 2 metros de altura; 3,5 metros de largura e 7 metros de comprimento. No chão, além de palhas e paus já carcomidos pelo tempo, havia um bule em bom estado e uma panela média de alumínio meio amassada. Tiramos algumas fotos dessa maloca e, depois de entrarmos um pouco através da capoeira, deparamo-nos com outra maloca caída, indicada por Rita. Disse ela que a primeira era de sua mãe e a segunda, do "Cumpadre". A segunda, a exemplo da 1ª, tinha o teto de duas águas, sendo porém um pouco maior. Deveria abrigar uma 15 redes, sendo provavelmente da mesma altura que a outra; tendo uns 5 metros de largura por uns 12 de comprimento. No chão havia uma panela e tampa de alumínio. Subindo por alguns paus ainda de pé, algumas ramas de cará. Tiramos várias fotos.

Rita morara na 1ª maloca e dela saíra para a sede principal da fazenda Mudança, há uns três anos e meio. Esse fato justifica o total desconhecimento dela sobre o atual estado da maloca e paradeiro atual dos parentes. Ela realmente acreditava que sua mãe ainda encontrava-se por ali. Quanto à localização do "Cumpadre", diz ela que ele mora próximo à sede principal da fazenda Mudança.

Nada mais havíamos a fazer, a não ser acamparmos ali mesmo, já que escurecia rapidamente. Ao acamparmos notamos estarem as malocas situadas em lugar ruim de água, pois mesmo nessa época de chuva a água é mínima. Jantamos e dormimos, querendo chegar amanhã à Central.

#### 04.01.86 - Sábado

Acordamos logo que a escuridão da noite transformou-se em tênue claridade, e ultimamos os preparativos para a expedição. Nem o céu nublado e a garoa fina e fria respingando sobre os vegetais nos arrefecia a necessidade do partir.

Como na última expedição, a equipe que agora parte é a mesma: Zé Carlos, Rita, Marize e eu. Rita, como da outra vez, bastante animada, sendo a primeira a se aprontar.

Tudo pronto às 8:30 horas. Às 8 horas havia tentado, em vão,

falar com Alta Floresta ou Porto Velho. Nada mais a fazer. Despedimo-nos de Mário Jorge e Zelito e partimos.

Saímos pela cabeceira da pista à Sudeste e depois de andarmos um bom trecho no meio de capim colonião entramos numa vereda bem aberta até chegarmos à margem esquerda do igarapé Repartimento ("Urukutumbu'xua") Descemos por esta margem por algum tempo para depois atravessá-la e continuarmos pela margem direita.

Depois de uns dois kms e meio pela margem direita, encontramos o primeiro tapiri, hoje caído, ainda de pé na 1ª expedição. Ao lado deste tapiri havia um jirau onde deve ter sido moqueado bons e suculentos peixes. O tapiri devia abrigar umas duas pessoas.

Prosseguimos a caminhada e algum tempo depois encontramos outro tapiri, este ainda em bom estado, o mesmo em frente ao qual a expedição de outubro certa vez dormira.

Seguimos até chegarmos ao segundo acampamento da equipe da 1ª expedição. Haviam acampado neste local no início da tarde em virtude de Manoel, Engº cartógrafo da FUNAI, ter passado mal, sendo que uma parte da equipe seguiu em frente, retornando ao acampamento no fim da tarde.

Mais adiante, continuando pela margem direita do Repartimento, encontramos ao lado direito da picada uma castanheira cortada a golpes de machado. Para alcançar um diâmetro menor no tronco, os índios construíram um jirau, com função de andaime, em torno da árvore. Um pouco adiante chegamos a um ponto já conhecido pelo Zé Carlos, que também participou da equipe em outubro, onde nós dois atravessamos para a margem oposta para fotografarmos mais dois tapiris caídos.

Após caminharmos um bom trecho, chegamos ao local onde os rapazes haviam informado terem encontrado os três tapiris. Enganaram-se quanto ao número de tapiris, pois estes eram em número de quatro, três caídos e um ainda de pé. Fotografei os tapiris e um jirau próximo da margem do igarapé. Este acampamento deve ter sido construído na época de seca, pois não havia nenhum vestígio de cobertura sobre o jirau.

Por todo o trajeto encontramos picadas e árvores derrubadas pelos índios. A certa altura, próximo a três corredeiras, chegamos ao acampamento onde os rapazes dormiram na 2ª noite de sua expedição e onde haviam deixado a faca e a panela que eu havia lhes dado para este fim. Como tu

do estava armado, apenas esticamos os plásticos e cozinhamos o arroz e a jacutinga que o Zé Carlos matou no caminho. O mutum está no moquém e prometo-me levantar no meio da noite para saboreá-lo.

05.01.86 - Domingo

Acordamos bem cedo e após o desjejum de café, arroz, mutum, farofa e jacutinga (ficaram com água na boca, né! Eu sabia.), colocamos o pé na estrada.

O primeiro indício da presença de índios foi uma castanheira derrubada no mesmo estilo da encontrada no dia anterior e que Rita afirmou ter sido cortada por seu falecido marido, Jair. Algumas centenas de metros adiante, Rita chamou-nos a atenção dizendo que acima de uma elevação, à direita da picada, havia dois tapiris antigos onde em um deles dormira seus pais e no outro ela e seu marido haviam acampado. Neste tapiri dera a luz ao seu segundo filho, hoje já falecido.

Depois caminhamos um longo tempo sem encontrarmos nada de muito relevante, a não ser árvores derrubadas e picadas abertas pelos índios. Em certo ponto, Rita disse que, para chegarmos à maloca tínhamos que atravessar o igarapé Repartimento (Urukutumbu'xua). Atravessamos por sobre uma grande árvore caída para a margem esquerda do igarapé.

Depois de atravessarmos o igarapé seguimos por algum tempo abrindo picada pela mata até encontrarmos uma picada bem batida pelos índios. Chegando próximo a uma curva acentuada do "Urukutumbu'xua" a picada dá em uma bifurcação. Na picada à direita, Rita, ao ver um corte recente numa haste de tucum, ficou toda entusiasmada, falando que o "Cumpadre" havia passado por ali. De início, quando ela começou a gritar, seu entusiasmo foi tal que pensei ter ela visto o "Cumpadre".

Seguimos por esta picada por alguns metros; esta chega bem próximo ao igarapé e depois divide-se em duas. Uma segue beirando o igarapé enquanto que a outra pega o leito seco de um outro igarapé, à esquerda. Depois de verificarmos um pouco a picada da esquerda, Rita disse-nos para retornarmos, pois a maloca seria no caminho esquerdo da bifurcação.

Depois de andarmos uns 500 metros por essa picada chegamos a um espaço limpo próximo a uma capoeira, onde Rita nos disse para deixarmos as mochilas pois a maloca estava após a capoeira. Atravessamos alguns metros de capoeira e deparamo-nos com uma pequena clareira onde via-se al

guns troncos queimados e um tapiri caído.

Segundo Rita esta maloca fora construída por "Tititi", filho do "Cumpadre", há uns três anos atrás e, como se deu com as outras duas que visitamos, ela não sabia já ter sido abandonada. Diferentemente das outras malocas esta, além de abandonada, fora queimada juntamente com o tapiri.

A presença de Rita como integrante desta equipe têm sido da maior importância pois, não obstante seu distanciamento do seu habitat e de seu povo há anos, o que dificulta a localização de seus parentes, sua presença se faz marcante porque sempre ativa e animada, nos dá a esperança que essa mesma vida e vivacidade se perpetue sobre o seu povo. Por acreditar nisso estamos aqui, esperançosos e convictos, na tentativa de defesa da vida e território deste povo que ainda não conhecemos mas sentimos também sermos responsáveis por seu destino.

Após fotografarmos a maloca queimada, retornamos até nossas coisas e nos assentamos um pouco, antes de seguirmos viagem. Enquanto comíamos um pouco de mutum moqueado que Rita trouxera, decidi que retornaríamos à bifurcação e seguiríamos o caminho que passa pelo leito seco de um igarapé.

Seguimos então adiante, voltando até a bifurcação e retomando a outra picada que leva até o igarapé Repartimento, seguindo depois pelo leito de um afluente seco. Seguimos uns 20 metros por esse leito e depois subimos para o lado direito, acompanhando uma picada que a princípio pensei ter sido feita por pesquisadores, por ser bem batida e larga. Porém, depois de caminhar uns dois quilômetros, chegamos à margem de um igarapé onde havia uma maloca e dois tapiris caídos há uns dois anos.

A maloca, bem maior do que as duas encontradas em outra caminhada, ainda tinha uma parte de sua cobertura em bom estado. Internamente havia no chão três machados sem cabos, dois canecos, um grande e um pequeno, um bule e 03 panelas velhas.

Zé Carlos, que havia chegado antes, teve tempo para dar uma olhada nas imediações e disse que a picada só chegava até a maloca. Não acreditei e, atravessando para a margem esquerda do igarapé, fui dar uma olhada e encontrei uma picada bem antiga que foi dar num tapiri já caído. Daí em diante não mais consegui distinguir a continuação da picada.

Retornei à maloca e tirei várias fotos de diferentes ângulos e resolvi que tentaríamos encontrar uma picada que vimos à margem do Repartimento. Partimos fazendo uma picada mais à esquerda da que viemos e depois de andarmos uns 500 metros, encontramos dois tapiris parcialmente caídos e paramos para fotografá-los.

A partir daí, ao invés de atravessarmos o Repartimento, como queria Rita, decidi continuar na margem esquerda e disse ao Zé Carlos que seguiríamos ladeando o igarapé para tentar encontrar uma picada dos índios que víamos próximo à bifurcação.

Depois de andarmos alguns quilômetros encontramos um tapiri recente, com a cobertura ainda verde. Neste tapiri, de apenas uma água, certamente o ocupante dormira no chão por uma noite, tempo necessário para que ele derrubasse uma grande árvore ao lado, provavelmente para tirar mel. O tapiri e corte da árvore não deviam ter sido feitos há mais de 03 semanas. Tirei duas fotos e seguimos caminho abrindo picada, pois não conseguimos encontrar a dos índios.

Nas caminhadas feitas, muitas vezes encontramos as picadas dos índios em meio da que estamos abrindo, quando porém ela segue um rumo diferente daquele ao qual nos propomos, deixamo-las de lado ou as seguimos parcialmente.

Depois de encontrarmos esse tapiri recente, andamos bastante até encontrarmos outro mais recente ainda, este de duas águas. Deve ter sido construído há mais ou menos uma semana. Sob o tapiri, próximo a alguns tocos carbonizados e montados em cinco pontas, encontramos uns ossos que Rita identificou como sendo de paca. Segundo ela o tapiri foi construído pelo "Tititi" que dormira no chão enquanto que seu filho dormira na rede. Achei duvidosa a informação, pois Rita há muito está ausente do grupo.

Enquanto os Companheiros descansavam, resolvi seguir um ramo que vi, recentemente cortado, e achei uma picada bem feita a golpes de facão, que seguia até ao igarapé, feita para buscar água. Retornei ao tapiri e propus o rumo margeando o igarapé Repartimento, mas devido ao emaranhado de galhos e cipós na margem, Zé Carlos foi abrindo a picada afastando-se cada vez mais da margem.

A certa altura, notando que Zé Carlos estava ficando tenso

por causa da sujeira da mata, xingando sempre o pai de Rita e o "Cumpadre" por não fazerem picadas, disse-lhe que ele se afastara bastante do igarapé que ficara à nossa direita. Disse-lhe que cortasse uma picada reta à direita para que retornássemos à margem, o que ele fez, adentramo-nos num tabocal tão alagado e fechado que creio que nem bicho por ali passava. Em certo momento, já muito nervoso, Zé Carlos propôs que retornássemos ao tapiri alegando que o caminho estava sujo demais. Rejeitei a proposta reafirmando que seguisse, pois o igarapé estava logo à frente. Após um tempo angustiante, chegamos ao pé de uma grande serra que subimos para em seguida descermos próximo à margem esquerda do Repartimento. Suspiramos aliviados quando chegamos à margem após sairmos daquela sujeira molhada, pois a tarde já expirava.

Atravessamos o igarapé para a margem direita por sobre uma árvore caída no rio. Procuramos um lugar para acampar e, como para baixo estava muito sujo, resolvemos subir o igarapé. A alguns passos do local da travessia encontramos uma picada dos índios, bem batida e ao lado direito, subindo o rio, havia um tapiri caído. A alguns metros adiante, do mesmo lado, encontramos outro tapiri, também caído, e em frente deste, do lado esquerdo da picada, uma grande castanheira derrubada a golpes de machado, com um jirau construído à sua volta como suporte para dar altura ao corte.

Uns vinte metros mais adiante, vimos do lado esquerdo uma outra castanheira derrubada no mesmo estilo e adiante, do lado direito, mais um tapiri, este em bom estado, não obstante ter sido construído há muito tempo.

Como ao redor deste tapiri era possível montarmos acampamento e como o igarapé Repartimento não ficava distante, resolvemos ficar ali. O tapiri nos serviu de cozinha, mas passamos um bom tempo combatendo formigas, tracoás e cabeçadas.

À noite iniciou uma chuva leve, que veio após um vento forte que derrubou alguns galhos sobre nossas barracas, coisa leve, mas assustadora.

De acordo com o mapa, estávamos a uns três quilômetros da confluência do igarapé Repartimento com o Igarapé dos Índios (Urukutumbu'xua e Kurumí Arikwaba), ponto ao qual havia me proposto atingir quando ainda estava na Central. Porém, devido ao tempo e a escassez de alimentos, deci-

di que retornaríamos à sede Central na manhã seguinte. Não obstante não termos atingido a meta principal, ou seja, efetuar o contato com este grupo indígena, tomei essa decisão por não ter certeza de que o encontraríamos num espaço de tempo mínimo, apesar de vestígios cada vez mais reveladores de sua presença nas proximidades, e por respeito aos companheiros de equipe que tanto colaboraram, e que neste final de expedição encontram-se desgastados e desmotivados, o que me leva a considerar que não devo exigir-lhes mais esforços do que os já dispendidos.

Os trabalhos realizados em área, se analisados como um todo foram bastante gratificantes, pois apesar das dificuldades, conseguimos reunir um grande número de dados relevantes sobre a presença de índios na referida área, sobretudo nas proximidades da confluência do igarapé Repartimento com o Igarapé dos Índios, afluente do rio Branco. Diante disso, creio ser possível numa próxima entrada em área, eliminar as etapas que já foram realizadas em expedições anteriores e ir direto ao encontro deste povo indígena.

### CONCLUSÕES

Diante da evidência dos dados e fatos expostos, reitero uma vez mais sobre a necessidade e premência dos órgãos oficiais tomarem uma decisão rara e definitiva no encaminhamento do processo eletivo da Área Indígena Kawahíb.

As conclusões contidas no relatório do GT da FUNAI, designado pela Portaria nº 1938/E de 25.09.85, no que tange ao resguardo do território indígena em questão, deixam muito a desejar, pois são sabidamente insuficientes para impedirem a expansão das invasões sobre a área indígena, e se num primeiro momento conseguem reter novos empreendimentos na área através da não concessão de autorizações, num segundo momento não possui valor legal para impedir o incremento dos empreendimentos já instalados em área.

Após o encerramento desta nova etapa, onde dados recentes e irrefutáveis foram coligidos reafirmando e situando de forma ainda mais precisa a presença indígena na área em questão, reiteramos uma vez mais a proposta inclusa no Processo nº 002058 de 27.06.85 no sentido de salvaguardar os direitos e interesses desse grupo indígena sobre os limites já propostos



conforme Art. 198 da Constituição Federal.

Não obstante a não efetivação do contato com a comunidade indígena, a crescente ocorrência e atualidade dos vestígios encontrados no trajeto recentemente percorrido nos permitem afirmar a provável localização do grupo, ou seja, a confluência dos igarapés Repartimento e Dos Índios.


Devido ao nosso conhecimento da situação que se afigura na região e considerando que uma paralisação nas atividades em curso incide em risco premente sobre este povo, propomos a continuidade dos trabalhos já desenvolvidos. Consideramos que, de posse dos dados e informações adquiridos na última entrada em área, poderemos entrar em contato a curto prazo com o grupo em questão, preenchendo desta forma os requisitos e coletando os dados julgados indispensáveis para a eleição definitiva da área indígena.

Para tal, colocamo-nos à disposição da 8ª DR, caso seja necessário nosso apoio para o desenvolvimento dos trabalhos em área e para discussões e avaliações sobre a situação da mesma. Ressaltaríamos entretanto que, caso o parecer da referida Delegacia quanto a nossa participação seja positivo, seu apoio seja efetivado com a seriedade e responsabilidade indispensáveis para que nosso trabalho seja desenvolvido da melhor forma possível, respeitando-se efetivamente as disponibilidades de tempo e recursos da equipe.

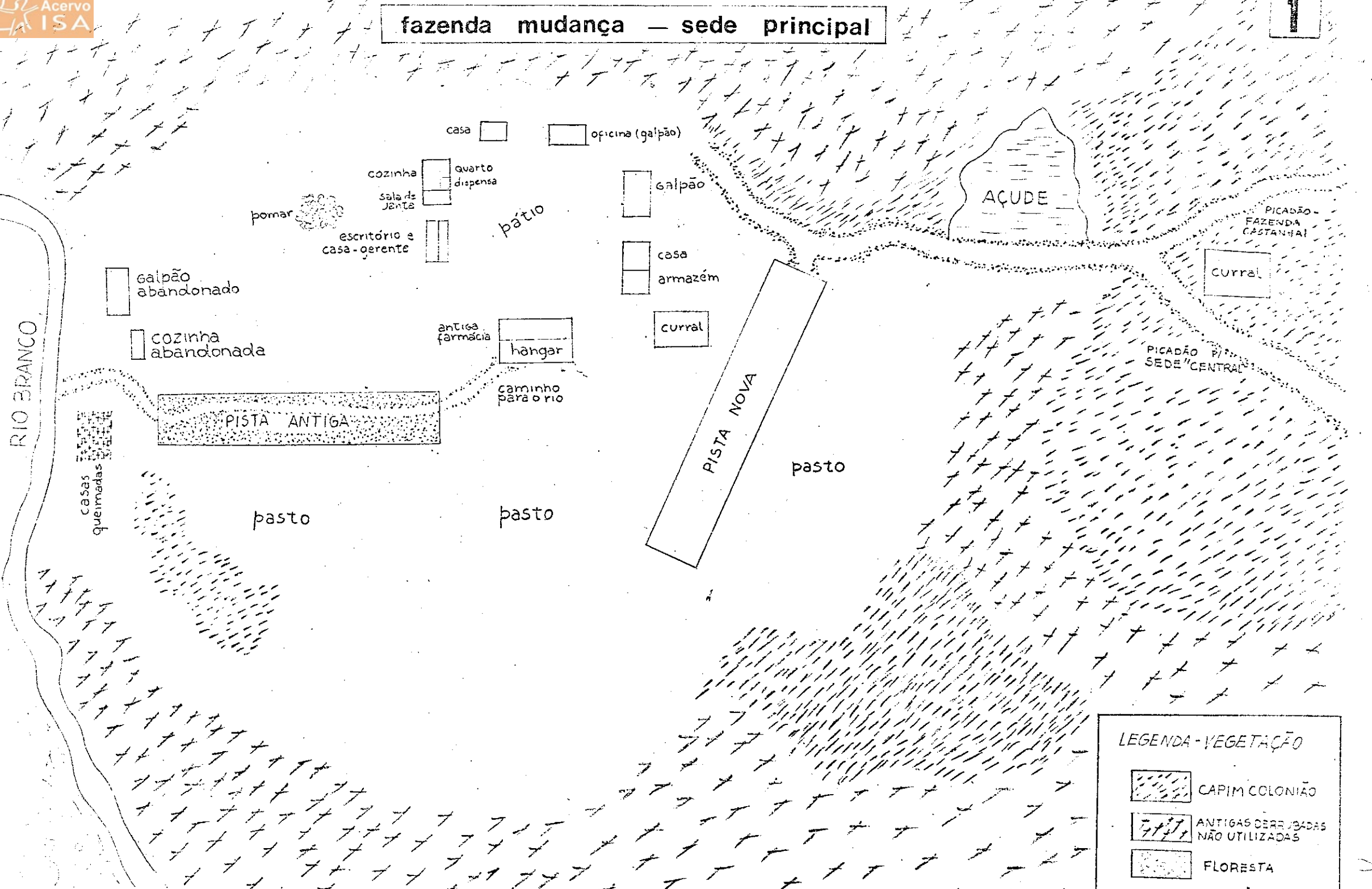
Cuiabá, 26 de maio de 1986

Equipe do Projeto Kawahib

  
João Carlos Lobato

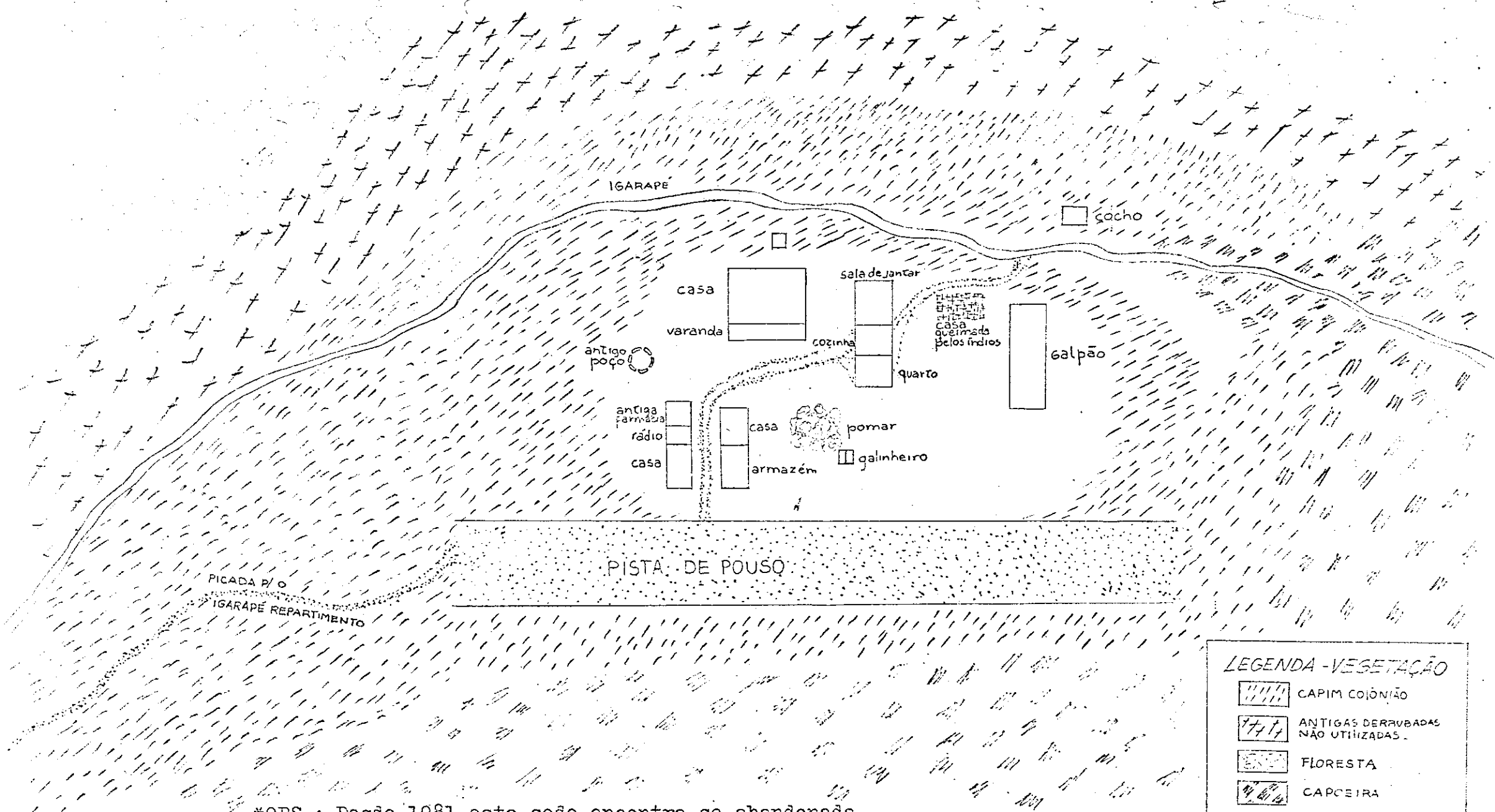
  
Rosa Cartagenes

# fazenda mudança — sede principal



**LEGENDA - VEGETAÇÃO**

- CAPIM COLONIAO
- ANTIGAS CERRADAS NÃO UTILIZADAS
- FLORESTA



**LEGENDA - VEGETAÇÃO**

	CAPIM COIÃO
	ANTIGAS DERRUBADAS NÃO UTILIZADAS
	FLORESTA
	CAPOEIRA

\*OBS.: Desde 1981 esta sede encontra-se abandonada.